

Boas Novas

Laura não saberia precisar o porquê de ter escolhido um museu para dar a notícia. Ou melhor, por que houvera de ter escolhido aquele museu. Anos atrás ela teria escolhido uma praia, não por considerar ser um local mais atraente, mas por de certa forma compreender, mesmo no auge da sua imaturidade, que o som do mar é algo que ajuda a organizar as ideias. Pelo menos as suas ideias. Mas de que forma o silêncio do museu poderia ajudá-la? Como o som do vazio poderia facilitar o momento derradeiro da notícia? De certo que a sua voz soaria elevada demais entre o mobiliário do eclético prédio estilo renascentista, e a notícia, da qual até então se esquivara em dar, ecoaria clara e precisa e a faria sentir vontade de fugir... E fugiria. Talvez fosse mais apropriado entregar a notícia por entre os arbustos do jardim onde se encontrava, assim poderia realmente escapar na hora oportuna e adentrar a rua Brigadeiro Jordão tão logo se sentisse sufocada. Temendo já fugir naquele instante, deu-se conta que Heitor não tardaria a chegar, se é que chegaria. Haviam combinado às 16:00. Melhor seria esperá-lo na antessala do museu, de forma que as paredes limitassem seu espaço e que ela não encontrasse meios para sua escapada e que, por fim, uma conversa de adultos fosse de fato travada entre os dois. Que ela não se sentia adulta, disso ela tinha certeza. Mas o que mais a atormentava era saber que, se agora carregava uma criança no ventre, era por ser adulta de alguma forma tangível.

Laura caminhou ao longo do canal sinuoso vagarosamente, apesar de ter pressa. Observou as ranhuras no fundo do conduto e como havia um musgo verde entranhado nelas. Riu de si mesma ao lembrar das inúmeras vezes que sua mãe a fez limpar lodo da piscina vazia na infância. O cintilar reluzente de um dos espelhos d'água contrastava de forma harmoniosa com os vários tons ao redor, em especial com as pequenas azaleias arroxeadas que teimavam em brotar ainda longe da época. Vasos minuciosamente

delineados ornamentavam o jardim de forma singular. Ela nunca havia visto um bosque arquitetado de forma tão harmônica, pelo menos não ao vivo. O desenho rebaixado do paisagismo apontava para várias direções e ela conseguia tracejar diferentes caminhos em sua mente enquanto seguia em linha reta, obedecendo as próprias pernas. Passou pelo busto de José Bonifácio até finalmente alcançar as escadarias do museu; foi quando sentiu a criança chutar na altura da costela esquerda, comprimindo o pouco ar dos pulmões. “Estamos as duas sem ter para onde fugir!”

Ao entrar no museu, uma senhorinha explicava minuciosamente algo relacionado à história da cidade de São Paulo a um grupo de jovens estudantes uniformizados. O salão era amplo e arejado, mesmo para uma gestante. Havia uma mistura agridoce no ar, provavelmente a combinação de um perfume feminino com mobiliário antigo. Uma pequena fresta de luz iluminava a escultura de mármore Carrara de Fernão Dias, cuja figura imponente parecia pouco reconhecível para Laura. Seus pensamentos voavam longe; seria adequado dar a notícia ali? Os estudantes poderiam ir a seu favor, caso entreouvíssem a conversa, o que lhe parecia bom, porém nitidamente improvável. Seria menos angustiante ter um álibi naquela hora de desassossego. Na falta de um ombro amigo, recordou-se da mãe martelando que na vida é preciso subir sim, mas não sem antes descer e encher os bolsos com o que ficou de valioso no fundo do poço. Por precaução, Laura desceu até o subsolo, onde havia uma profusão colorida de peças, pinturas, bustos e mobiliários. “De fato há tanta coisa valiosa por aqui”, ponderou.

Como boa pisciana, Laura percebia os sinais com facilidade, fossem eles divinos ou não, como naquela ocasião em que sonhou onde o gato preferido da Vovó Zilé havia morrido, na encosta da pedra da bica. Oito meses atrás, Heitor encontrou uma concha azul à beira do rio, logo após fazerem o único amor que fizeram a vida toda e Laura compreendeu que aquilo era sim um sinal, não apenas por que conchas não dão em rios,

mas também por que aquela era uma concha azul. Mais tarde, com a criança já crescida, Laura leria em uma revista de entretenimento que conchas surgem em rios, mares e até mesmo florestas, mas ainda assim ela carregaria a concha-do-Heitor como um sinal fidedigno e eterno, já que aquela não era uma concha qualquer; era uma concha azul. Laura havia de receber um sinal daquele museu, disse ela tinha certeza absoluta, e de grávidas não se costumava duvidar naquela época, uma vez que eram todas supostas moças de família.

Entardeceu, escureceu, anoiteceu. Ele não apareceu. Nenhum rapaz chamado Heitor procurou por uma moça chamada Laura pelas salas e galerias do museu naquele dia de sete de setembro de algum ano. Não consta no livro de assinaturas do saguão de entrada o nome Heitor. Não se viu por ali um homem esbaforido, desejoso por boas novas. Nenhum homem soube que seria pai naquele dado dia, naquele dado museu.

-Senhora, o museu já vai fechar. Queira se retirar...

Aturdida em suas emoções, Laura se deu conta que não havia mais por que ou por quem esperar. E foi aí que compreendeu o sinal que sentira pulsar nela anteriormente. Sentiu-se tão livre por se reconhecer mãe solteira, por saber que não precisaria dividir a criança com um quase-estranho, que respirou aliviada. Uma sensação tão grande de plenitude, mais do que isso, de independência inundou o seu ser e estremeceu as suas extremidades. A criança mais uma vez lhe chutou, dessa vez lhe causando alívio. E qual não foi a gargalhada reconfortante que liberou, em seguida, ao se dar conta de que estava sentada aos pés do quadro *Independência ou Morte*. Respirou repousada ao entender que o que restou para ela foi a sua independência, em vez da sua morte. Que não caberia ao seu grito morrer sufocado no ventre, mas nascer. E que foi o Museu Paulista o palco da sua independência.